

Trabalhando identidades, valores sociais e tolerância cultural.

ELITA PIRES LOPES*

Resumo: Este artigo tem como objetivo, relatar o trabalho feito pelos alunos bolsistas do PIBID-2009 de História, da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, em relação ao Projeto Consciência Negra, cujo tema foi “Sou negro... Sou gente”. Houve discussões em torno do assunto identidade afro-descendente e o combate à intolerância e desrespeito com a cultura herdada pelos negros em nosso país. Portanto, foi necessário pensar na execução de atividades educativas relacionadas com o conteúdo e o objetivo do trabalho. Desta forma, nos propusemos abordar contextos que envolvessem o cotidiano dos alunos da E.E.F.M. Professor Luís Felipe, em Sobral-CE

Palavras-chave: Identidade; Tolerância; Cultura.

O presente artigo objetiva relatar a trajetória e os resultados que o Projeto Consciência Negra, na E.E.F.M Professor Luís Felipe geraram em relação aos alunos da instituição citada e os acadêmicos do grupo PIBID-2009 de História, da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA¹. Assim o trabalho que a princípio visava atingir apenas o público alvo, o qual estava previsto pelo o projeto, alunos dos 2º anos do ensino Médio da manhã e tarde da referida escola, se deparou com satisfatórios efeitos em torno não só dos que estavam destinados os objetivos do trabalho, como também os que buscaram promover as atividades propostas por este. Desta maneira, é importante mencionarmos com clareza no decorrer do artigo, o passo desde a escolha do tema, às conseqüências que o mesmo deixou para os envolvidos nele.

Antes de começarmos a elaboração do projeto foi feito um trabalho de estudo e pesquisa em volta do campo ao qual pretendíamos atingir. Dito isto, nas semanas que anteciparam ao ato de incubação ao plano, foram feitas leituras de textos, assistimos alguns

*Acadêmica- bolsista do PIBID-2009 do curso de História, da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Orientador: Professor Ms. Igor Alves Moreira. Professor Substituto do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

¹ O grupo mencionado é o primeiro de História, do Programa Institucional de Iniciação a Docência do edital de 2009, que foi prorrogado para o ano de 2012, selecionado pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.

vídeos e fizemos observação do espaço. Assim, foram analisados alunos, prédio, recursos e gestão, para que o esforço executado ali fosse objetivo e eficaz.

Vale ressaltar aqui que, de acordo com a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, é obrigatório, nas escolas brasileiras, a inclusão de disciplinas e conteúdos que visam estudar a história da África e a cultura afro-brasileira. Portanto, importante que haja, no decorrer do ano letivo, eventos e/ou momentos que resgate um pouco da história, da cultura e das contribuições dos povos negros nas áreas social, econômica e política ao longo do processo histórico do país.

Ao iniciarmos a elaboração do projeto, foi proposto o seguinte tema: **“Consciência Negra: Sou negro... Sou gente”**. A idéia foi pensada devido à proximidade da comemoração do Dia da Consciência Negra, comemorada no dia 20 de Novembro. Começamos, então, a agir na preparação deste propósito. No dia vinte e cinco de Agosto de dois mil e doze, percebemos também a carência de trabalhar este assunto em prol da necessidade que existia entre os alunos em relação aos fatores como: pouco conhecimento da formação histórica da própria identidade nacional, preconceito e intolerância.

Após sondarmos as necessidades que precisavam ser supridas, decidimos que o objetivo para a nossa tarefa seria proporcionar a participação do aluno em atividades que os oportunizassem a repensar e resgatar a história do negro e sua contribuição na história do povo brasileiro, bem como a valorização na sociedade.

Depois de refletirmos em nossa finalidade, procuramos perceber qual o público seria mais propício para execução da nossa proposta. Assim sendo, foi visto o 2º Ano do Ensino Médio das turmas A, B, C, D e E, nos turnos manhã e tarde, como adequado, pelo fato das turmas estarem estudando o conteúdo de história que se aproximava do nosso intento; o qual possibilitou ligações com o nosso tema abordado. Entendemos ainda que o estudo sobre Brasil Colônia, Império e República sendo uns dos conteúdos abordados por essa modalidade, seria interessante nossa abordagem visando à ampliação e o aprimoramento destes conhecimentos.

Posterior à escolha do direcionamento do projeto, buscamos encontrar qual metodologia seria mais bem aplicada ao grupo escolhido. Com base no que os PCN sugerem, buscamos trabalhar o conteúdo de história afro-descendente com conteúdos transversais como a questão da ética e da pluralidade cultural. Pois, podemos nos exemplificar, para nosso ato, a afirmação da Circe Bittencourt, em sua obra, *Ensino de História: fundamentos e métodos*.

“Os temas de ensino de História propostos pelos PCN são, por outro lado, articulados aos temas transversais: meio ambiente, ética, pluralidade cultural”. (BITTENCOURT, 2009, pág. 128)

Portanto, o uso de palestras, vídeos, registros fotográficos, entrevistas e apresentações de dança pelos alunos, sem esquecer do lanche e do intervalo cultural, foi efetuado em torno destes temas. Assim, diversificamos nossas atividades de maneira que, um intervalo normal da escola, se tornasse mais plural com a participação de ritmos africanos que descreverei mais adiante. Destarte nossas escolhas vieram a serem bem aceitas pela opinião de quase todos.

Logo após pensarmos em, “que” e “como fazer”, procuramos recursos para a efetivação dos mesmos, nisto a escola se prontificou a fornecer, levando em consideração que buscamos não ser distantes da realidade desta. Nesse sentido, o uso de data show, slides, imagens, vídeos, caixa de som, microfone e lanche, o E.E.F.M Professor Luís Felipe conseguiu, já o auditório para realização de uma das atividades que descreverei mais adiante, a casa de Cultura da cidade de Sobral proveu.

Deste modo, quando passamos pela fase de elaboração, um dos pontos que questionamos, foi dividir nosso grupo de maneira que não se tornasse uma sobrecarga a nenhum membro do PIBID-2009 de História da escola já citada. Depois de fazermos isto, a visão do mesmo projeto também se decompôs gerando dois ângulos: o da manhã e o da tarde, sem contar nas observações individuais que cada pessoa foi capaz de ter. No que se refere à menção, aproveitamos a oportunidade para declarar que parte do que apuramos como recurso para descrição do acontecido, foi extraído sob a perspectiva, no caso, dos trechos da efetuação do projeto voltado para o turno da tarde.

A primeira a atividade realizada pelo turno da tarde, se deu com a apresentação do projeto as turmas dos segundos “D” e “E” no dia dez de Dezembro. Deste modo, neste trecho, percebemos que havia uma necessidade de fazermos alguns ajustes no nosso cronograma, pois as duas salas que iríamos trabalhar precisavam de atividades que envolvessem mais a musicalidade, visando que esta foi um atrativo que encontramos observando a quantidade de celulares e pequenos aparelhos que estes possuíam, sem com contar com grafites pintadas nos tênis de alguns rapazes com alusão a bandas de Hip Hop.

Como segundo passo, repassamos um vídeo em cada sala, com título “*Vista a minha pele*”, onde a temática estava voltada para o preconceito étnico. Algo relevante deste vídeo é que os autores decidiram inverter os papéis entre brancos em negros; do modo que o negro

estaria no papel de escravocrata brasileiro, e os brancos depois de muitos anos estariam tentando lutar por direitos que antes eram negados. Foi uma inversão, e uma reinvenção, do discurso contra os negros. Decorrente, ao vídeo, tomamos nota que parte de ambas as turmas, não se reconheciam naquela história pelo fato de não se identificarem com a cor sugerida pelo filme. Foi comum ouvir frases agressivas em relação a antagonista, ou melhor, aos que eles julgaram serem os vilões do enredo. No entanto, lembremos que nesse filme os negros estavam se sobrepondo aos brancos, assim, as críticas que ouvimos foram dirigidas a eles.

A atividade citada acima se deu respectivamente nos dias vinte e quatro e vinte e seis do mês de Outubro e, após executá-la, fizemos alguns questionamentos que agitaram a turma. Entre as perguntas que fizemos, estão as direcionadas as cotas para negros e alunos de rede pública nas universidades, em seguida questionamos qual era cor que eles se consideravam e aproveitando este assunto perguntamos também qual era a cor em maior quantidade na instituição deles.

Consequente aos questionamentos, as primeiras respostas relacionadas às questões das cotas foram “Não sabemos sobre o assunto” e após explicarmos do que se tratava, ouvimos das mais variadas implicações, “ Ah! Assim é bom”, “Não concordo! Desse jeito tão dizendo que os negros são incapazes de passar pra faculdade”, “ Assim eu também quero ser negra, porque eu sou branquinha tenho menos chances”².

Depois de ouvi-los, fizemos as seguintes reflexões, pois a partir destas falas, percebemos que o público não se encontrava como componente daquela massa, a dos afro-descendentes. Todavia, também era preciso gesticular de maneira que não fosse imposto nenhum rótulo a eles. Portanto, quando mencionamos a palavra, rótulo, estamos buscando deixar claro que, era preciso abrir espaço para que os estudantes daquele local nos dissessem quem eram, e o que se consideravam, pois, para fazermos disseminação de novas idéias, era necessário conhecê-los primeiro . Para elucidar nosso pensamento é viável fazermos menção do trecho extraído do livro, *A danação do objeto: o museu no ensino de história* de Francisco Regis Lopes: “*Se há o objetivo de construir saber histórico, é imprescindível pensar sobre o público geral*”. (RAMOS, 2004, pág.13)

Já a segunda pergunta, que estar voltada a cor de cada um. Assim, a maioria respondeu que eram morenos claros ou escuros e mesmo quando falamos que, ser moreno não estar relacionado a cor de pele e sim ao cabelo, os comentários foram “ Então não sabemos o

² Fala dos alunos das turmas D e E do turno da tarde da E.E.F.M Professor Luís Felipe.

que somos. Diga as cores pra gente” e posterior citarmos as cores existentes segundo o senso do IBGE, a maioria respondeu que eram pardos. Tendo terminado esse segundo momento perguntamos: Sendo assim qual é cor da maioria das pessoas da escola? E para nossa surpresa nos responderam que eram negros.

Entendemos que a falta de aceitação e assimilação ao fato de ser ou não ser negro era enxergada no outro e não no próprio eu. Pois, se ver como parte daquela característica para si, era vergonhoso ou mesmo um sinal de inferioridade, quando comparando aos demais que também não admitiam ser. Focalizamos e tentamos sensibilizar os alunos sobre o valor que existe em se fazer membro da cultura afro-descendente. Todavia, era necessário fazê-los encontrarem, por menor que fossem, ligações com o tema e para isso nos propusemos a apresentá-los a uma cidade que antes talvez não era percebida por todos. Proporcionamos uma palestra com apresentação de slides, relatando, inicialmente, a justificativa da comemoração da data da Consciência Negra, seguida de imagens de manifestações culturais locais, no caso, rodas de capoeiras, grupo de dança de rua, e a dança do maracatu realizada em um distrito de Sobral-CE, em Aracatiaçu. Esta ação se deu no dia trinta em um de Outubro do mesmo ano, no auditório da Casa de Cultura sobralense. Portanto, foi compreendido pelo público, que aquelas mostras já não eram motivo de desonra, pelo contrário, eram causas de orgulho, já que muitos dos que estavam presentes se identificavam com alguns daqueles exemplos.

Ao fazer uma analogia às mudanças ocorridas pelo intermédio tecnológico, a autora Circe Bittencourt em sua obra, *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*, nos incita, a nos libertar de nossos preconceitos, ou seja, nos mostra a uma idéia de que também é preciso nos abrir a um espaço onde as representações culturais dos alunos também sejam recursos para a metodologia do projeto. *“Interpretações permeadas de preconceitos não possibilitam um entendimento das configurações culturais emergentes e, portanto, dificultam todo diálogo com nossos alunos”*. (BITTENCOURT, 2009, pág.108)

Pensando neste assunto, propomos um desafio aos alunos: desenvolver um intervalo cultural, ou melhor, musical, dentro da escola, no horário do recreio, com músicas voltadas para a temática do negro e do afrodescendente; ao qual marcamos para Novembro de 2012. Entretanto, selecionar variedades sonoras, era uma missão muito difícil, porque acreditávamos que além de ritmos atuais e preferidos pela platéia, era necessário incorporar uma maior diversidade de canções e composições. Portanto, ressaltamos que a música, como objeto de

estudo histórico, é capaz trazer referências de outros momentos da história que fazem parte de uma memória e que estão em constantes acréscimos.

“Conhecer o passado de modo crítico significa, antes de tudo, viver o tempo presente como mudança, como algo que não era, que está sendo e que pode ser de diferente”. (RAMOS, 2004, pág.21)

Assim, dentre as canções que foram tocadas, selecionamos cantores como: Bezerra da Silva, Lia de Itamaracá, Beyoncé, G. R. E. S. Imperatriz Leopoldinense,³ entre outros. Ti vemos bom êxito, já que conseguimos notar um encantamento na participação em que alunos e professores se deixaram envolver, embalados, desta forma, ao ritmo acelerado do samba e a melancolia do berimbau de alguns trechos de capoeira.

Depois de começar a conseguir instigar uma valorização à cultura negra, resolvemos destacar alguns personagens que poderiam ilustrar melhor o nosso desígnio. A sugestão para atividade foi colar em um quadro da escola, fotografias com uma seleção de diversas pessoas que se tornaram conhecidas e até mesmo admiradas por eles, espectadores do nosso projeto. Então, em Outubro de 2012, expusemos as imagens no quadro do pátio da escola. Os estudantes passavam e paravam apontando o dedo sobre as figuras e comentavam uns com os outros de quem se tratava tal destaque. Ao passar os dias, algumas fotos foram desaparecendo, o que nos leva a pensar que para alguém, tal indivíduo era elemento de veneração, artifício esse que esperávamos acontecer por acreditarmos no impacto que Bob Marley, Marina Silva, Barack Obama, Anderson Silva e outros causariam.

Concluimos nosso trabalho com um evento realizado em Dezembro do mesmo ano; o qual contou com a participação de alunos e professores, onde juntos, desenvolveram apresentações de capoeira, maculelê, umbanda, declamações de poesias elaboradas por alunos, mostra do vídeo “O que ensinar e o que aprender” feito pelo professor de sociologia Francisco Élon Araújo Lopes, sem contar com a gincana realizada pelo grupo PIBID em torno da discussão sobre cultura africana e desfile de escolha da beleza negra 2012 do EEFM. Professor Luís Felipe.

³ Liberdade, Liberdade! Abre As Asas Sobre Nós. Samba composto por Niltinho Tristeza, Preto Jóia, Vicentinho e Jurandir para o carnaval de 1989. Neste desfile, que teve assinatura do carnavalesco Max Lopes, e sendo interpretado por Dominginhos do Estácio. na qual, a Imperatriz Leopoldinense foi a campeã e eternizou este samba que é muitas vezes considerado o melhor da história do carnaval carioca. Música temática da novela, Lado a lado, da Rede Globo.

Assim, é importante fazermos menção da poesia produzida pela aluna Ritiely de Cássia Marques, do Segundo ano “E” do turno da tarde, que descreveu seu aprendizado nos trechos de *Sou negro. Sou gente*. Onde ela destaca pontos discutidos pelos trabalhos efetuados no projeto. Logo, encontramos fragmentos que podem ser interpretados como resultado dos textos, vídeos e debates que proporcionamos durante a efetivação das atividades prontamente exposto nas linhas abaixo.

*Sou negro. Sou gente.
“Ser negro
Ser gente
Gente de cor diferente
Mas gente sempre
Ser negro é ser autêntico
Ser negro é ser competente
Ser negro é ser gente
Gente que nem a gente
Ser negro é ser gente
Uma descende gente
Nessa terra descende
Onde tudo é indecente
E acima de tudo descendente”
Ritiely de Cássia Marques
2º Ano “E” tarde*

Portanto, a execução do “Projeto *Sou negro. Sou gente*” foi de suma importância ao nosso crescimento acadêmico e social, sem contar que para os demais envolvidos. Todo esforço provocou inquietação em relação aos temas racistas e preconceituosos que envolvem essa atmosfera escolar. Consequente, excitá-los ao pensamento de identidade à tradição africana, pode ser relevante, no que diz respeito ao combate ao bullying, a aceitação e a tolerância as demais etnias e culturas. Pois, quando nos reconhecemos como peça desse quebra cabeça que ao longo dos anos pretendemos construir, aprendemos a respeitar e a valorizar esse meio como algo não só mais do outro, porém como nosso também.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BITTENCOUT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e Métodos**. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2009.
- MEC. Secretária da Educação Básica. Lei 10.639. História e Cultura Afro-Brasileira. Brasília Distrito Federal. Janeiro de 2003.
- RAMOS, Francisco R. L. **A danação do objeto, “O museu no ensino de História”**. Editora

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Argos, Chapecó, 2004.

INTERNET:

Disponível em: <http://pibidhistoria-uva.blogspot.com.br/>

FONTE AUDIO-VISUAL:

Vista a minha pele (Brasil, 2003). Diretor Joel Zito Araújo. Produção: Casa de Criação.

Duração: 15 minutos.